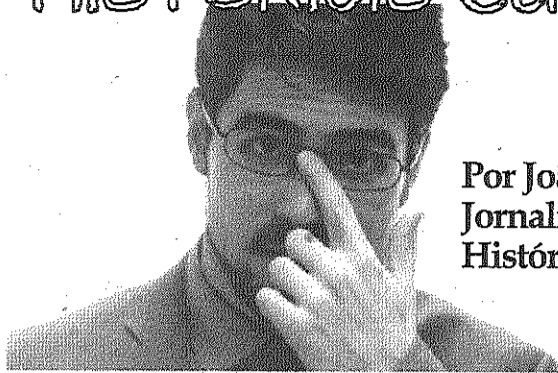


HISTÓRIAS CULTURAIS



Por João Vicente Ribas
Jornalista e Mestre em
História

Em meados do século vinte numa cidade ao norte do estado do Rio Grande do Sul, falam os populares que um objeto voador não-identificado teria sobrevoado aquelas glebas, deixando rastros. Além de sinais em lavouras de trigo, a maior prova de um suposto contato imediato de terceiro grau está até hoje instalada na praça central do município.

Um monumento arredondado, parece um recipiente com uma haste, tornou-se o maior símbolo cultural daquela localidade. Há quem diga ser uma referência a uma bebida indígena, pois kaingangues teriam habitado as terras num passado longínquo. Outra explicação, mais descabida ainda, vem de radicais tradicionalistas, segundo os quais o utensílio serviria para conservar costumes. A prefeitura há anos tenta legitimar uma versão na qual se exime de culpa: a escolha estética duvidosa teria sido um presente de grego, regalado pelos paulistas.

Em busca da verdade, consultei o Instituto de Altos Estudos Extraterrestres de Ernestina. Eles pesquisaram o filme Sinais, de Mel Gibson, rodado em Hollywood em 2001, e que mostra contatos imediatos aqui nesta cidade, ao sul do Brasil. Os especialistas concluíram que o longa-metragem Gaúcho de Passo Fundo é um produto de contra-propaganda, que serve ao propósito de apagar da memória da cidade os fatos reais, depois da abdução do cantor Teixeira.

Se o leitor acreditou em alguma dessas sandices que escrevi até agora, não se sinta menos esperto. Esta coleção retórica estapafúrdia é digna do imaginário nebuloso o qual compartilhamos hoje no município de Passo Fundo. Alguém aí conhece uma explicação mais plausível? Passe o mate, então.

Nos dois anos em que estudei a história da construção do mito do gaúcho na cidade, não encontrei fontes confiáveis. Ressalvo aqui que meu objeto de pesquisa, no mestrado da Universidade de Passo Fundo, não era especificamente a cuia. Mas a representação que ela impõe, sim, figura no rol dos gauchismos aos quais me debrucei, ao lado de rodeios, festivais de folclore, Teixeira, etc.

O monumento da cuia de chimarrão, todo passofundense sabe, está instalado na praça Marechal Floriano. Segundo o site da prefeitura, foi doada em 7 de agosto de 1957, pelo Governador de São Paulo, como presente pela passagem do centenário do

A CUIA na praça

município. O intrigante é que esta síntese da gênese se repete em livros de história e brochuras de turismo, mas eu não encontrei nos dois jornais diários da cidade uma nota sequer durante aquele ano que falasse em Jânio Quadros e cuia.

O fato de não haver explicações que acompanhem sua força imagética no repertório municipal requeri uma análise político-cultural. O sentido gauchesco, e de tradição, vem sendo colado ao monumento desde os anos 50. Recorrentemente encontramos publicidade de órgãos públicos e empresas privadas que identificam a imagem da cuia como símbolo da cidade. Na época da pesquisa, fui às secretarias de Cultura e de Planejamento, onde ouvi desculpas por não saberem detalhes da origem da façanha.

Outra curiosidade é que o monumento é pilhado constantemente, tendo placas informativas furtadas e sua base pichada. Em outubro de 2007, reparei que acompanhavam a escultura uns versos gauchescos e a informação do número da lei que a instituiu como símbolo municipal. Com projeto de autoria do vereador Meirelles Duarte, a cuia entrou para o rol oficial representativo do município em 26 de dezembro de 1995. Na época, a placa que explicava o monumento continha a inscrição "Passo Fundo, Tchê". A lei previa ainda que o símbolo fosse estampado em todos os impressos utilizados pelos poderes executivo e legislativo.

Na justificativa do projeto, o vereador não fez menção alguma ao episódio de instalação e se apoiou em integrantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Para eles, o monumento mostraria uma das tradições gauchescas, o chimarrão, que representa a cordialidade e a hospitalidade. Para a prefeitura e para nossas mentes muito suscetíveis a informações midiáticas fragmentadas, está a contento. Mas para os índios que inventaram de beber chá de erva-mate num vasilhame feito de porongo, sorvendo com uma ripa de taquara, não seria bem isso.



Lugar que atíça

Por Pablo Morenno

A diretora colocou a professora Leodegária - que adorava dizer o que tinha vontade de dizer - para cuidar da biblioteca da escola. Tinha intenção de sossegar o facho dela. O tiro saiu pela culatra. Nadinha de Gária sossegar. Conta histórias para os alunos, traz escritores para conversas. Não bastasse o próprio facho atíçado, começa a atíçar o facho das inocentes crianças. Inventa até um curso de corte e costura na biblioteca. Corte e costura no molde com as palavras. "Biblioteca é lugar que atíça", diz Gária para a diretora Terenciana, para quem biblioteca era lugar de quietude. Ara mas tá!

Corte e costura no molde com as palavras é problema pouco da biblioteca. O que mais aça os moradores de Dores do Indaia é o mistério de acrescentamentos em canetinha iriscor violeta. Alguém desembestara a escrever nos livros da sexta prateleira de baixo pra cima, na sexta estante, diante da janela de vidro bisotê. De noite. Cecília Meireles, Clarice Lispector, Machado de Assis, Manoel Bandeira, Raquel de Queiroz... Todos sofrem o desrespeito desse tihoso. Seria assombração?

Os enigmáticos acrescentamentos revolucionam a pacata cidade. Todo mundo, mais as mulheres, passa a frequentar a biblioteca para bisbilhotar tais escritos. Começam a descobrir os livros. Deixam de conversar sobre empregadas, pontos de bordado, receita de bolo, bulas de remédio, novelas... desafiam políticos. Até a morte, assunto corriqueiro em Dores, jaz agora no esquecimento.

Alvorço e incomodação farta. Logo alguém arquiteta um plano para envenenar Gária. Seis folhinhas de planta-verde-da-várzea nos biscoitos de queijo que ela adora.

Conversinha mineira de Stella Maris Rezende em A Sobrinha do Poeta.

A Sobrinha do Poeta me inticou a pensar sobre a XV Jornada Nacional de Literatura nos seus trinta anos. Tânia Rösing é nossa Leodegária. Eta mulher que não sossega o facho!

Passo Fundo converteu-se na cidade com mais livrarias per capita, que mais lê no estado que mais lê no Brasil que não é de ler muito. Hora da leitura nas escolas, túneis com poesia nas praças, quiosques de leitura, até uns metidos a escritor como eu, que um dia desembestei a glossar os clássicos. Leitores viram escritores, agonia de viver sempre à cata de palavras. Eta serviço de embondo mais desajuizado!

Nossa pacata cidade destrambelhou. Como em Dores de Indaia, seus dormentes moradores começaram a se encafiar com os livros, a bulir com palavras, desassuntaram bula de remédio e morte. Querem livros e significâncias. Gente doida encandilada com o mistério dos livros e que não sossega o facho.

Que eu saiba, ninguém tentou envenenar a Tânia. Mas há muitas dificuldades para se manter vivo esse projeto. De um jeito ou de outro, é servir biscoitos envenenados numa bandeja de prata para essa professora, que um dia resolveu trazer ao fim do mundo escritores para falar de corte e costura de palavras.

Stella Maris Rezende e Tânia - ou Leodegária - sabem que livro traz desassossego. A partir da próxima segunda-feira serão milhares de pessoas sob a lona de um circo, afoitas a discutir enredos, a interrogar os escritores sobre como fazem corte e costura. Pobrezinhas. Além da agonia de catar palavras carecem responder: "O senhor prefere jabuticaba ou aracá?" Ara mas tá!

Quando eu era criança, com fole caseiro fazia vento pras brasas. E tirava cachorros da modorra para correr lebre: "Pega, pega, pega!" Lá no mato, na escola multisseriada, minha professora me apontava livros: "Pega! Pega! Pega!". Me fez de brasa e cachorro lebreiro. Agora estou aqui escrevendo essa crônica, publicando histórias, conversando com leitores em escolas. Só desassossego!

Biblioteca é lugar que atíça, livro é coisa que atíça, Jornada Nacional de Literatura é invenção que atíça. Quem não quiser mais esse incômodo pegue seis folhinhas de planta-verde-da-várzea e faça uns biscoitos de queijo para a professora Tânia Rösing. Abrevia!

Para Stella Maris Rezende, que me açulou, já tenho deliciosos biscoitinhos bem guardados para um chá da tarde. Se um dia aparecer em Passo Fundo pra falar de corte e costura.

